

HUMBERTO MAURO – cineasta da saúde

A filmografia do cineasta brasileiro Humberto Mauro é extensa. Ela inclui treze filmes de ficção, sendo um de curta e doze de longa metragem, além de 357 documentários dirigidos por ele no Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), sobre geografia, física, literatura, artes, datas cívicas, ciências, folclore entre outros assuntos. A maior parte dos filmes por ele dirigidos no INCE (97) teve como tema a saúde e deles só restam 35, que serão comentados aqui.

Os filmes existentes, mesmo tratando de assuntos áridos, apresentaram a qualidade cinematográfica de Humberto Mauro. Tanto estes quanto os que não foram encontrados ou não existem mais, foram divididos em quatro categorias para efeito de pesquisa, a partir da visualização e de informações das fichas técnicas existentes e os momentos históricos em que eles foram rodados.

Havia os filmes institucionais (32 dos quais só restam 10) que faziam propaganda das ações do Ministério da Educação e Saúde (MES), ao qual o INCE estava subordinado, função essa que, em tese, seria atribuição do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). No entanto, o Ministro Gustavo Capanema optou pelo trabalho de Humberto Mauro. Por intermédio deles, o MES mostrava, ao público em geral e aos profissionais da área, sua atuação e, principalmente, as inovações promovidas por ele. Abordavam, por exemplo, a fabricação de vacina de febre amarela pela Fundação Rockefeller, que funcionava no *campus* do Instituto Oswaldo Cruz (IOC); o abastecimento d'água no Rio de Janeiro, uma vez que o Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica (CNAEE) era subordinado ao MES; o próprio IOC foi foco de três documentários dos quais só resta um; alguns hospitais e entre eles o de Curupaity, a Santa Casa de Santos; entre os doze serviços nacionais, criados em 1941, foram abordados: o Serviço Nacional de Febre Amarela, o Serviço Nacional de Tuberculose e o Serviço Nacional da Lepra; fábricas de ampolas, medicamentos, por exemplo, a penicilina e a atuação do Serviço de Produtos Profiláticos.

Os filmes de difusão científica (09 dos quais só restam 04) eram destinados ao público em geral. Isso foi possível notar, não apenas pelas propostas de atuação do INCE, mas por terem sido rodados em 35mm para serem exibidos em cinemas. Tiveram como conteúdo: músculos do corpo humano, alimentação, puericultura, oxigênio e a indústria oftálmica. Eles repassavam informação científica e tecnológica, utilizando uma linguagem simples e acessível.

Os filmes de educação rural (06 dos quais só restam 05) foram rodados, nos anos 50, para a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), em co-produção com a *United States Agency for International Development* (USAID). Como o próprio nome revela, eram destinados ao homem do campo e sua educação, tendo como foco os cuidados com a saúde: uma alimentação saudável, o consumo de água potável, a utilização de fossas sanitárias e a construção de casas que evitassem a presença de insetos como, por exemplo, o barbeiro da doença de Chagas. O campo mineiro, locação desses filmes, inspirou Humberto Mauro para produzir, na mesma época e nos mesmos cenários, a sua famosa série *Brasilianas*.

Os filmes considerados de ensino e pesquisa (50 dos quais só restam 16) eram especiais por juntar essas duas áreas de atuação do Ministério da Educação e Saúde.

Desde o início, o INCE, dirigido por Edgard Roquette-Pinto, médico, higienista e educador, integrante e líder do movimento eugenista, além de um ferrenho nacionalista, deu especial destaque à produção de filmes em saúde. Suas ideias e ideais induziram a difusão de descobertas científicas pelas produções do INCE, tais como a de Evandro Chagas sobre leishmaniose visceral americana humana; de Carlos Chagas Filho sobre o puraquê e a biofísica; as técnicas de esterilização dos centros cirúrgicos, nos moldes de Pasteur, criadas por Maurício Gudin. O ginecologista e citopatologista, Orlando Baiocchi foi consultor sobre a saúde da mulher.

Cirurgias e tratamentos também foram temas, e em suas fichas técnicas havia uma anotação sobre indicação de uso: ensino superior.

As pesquisas sobre escorpionismo de Otávio de Magalhães e sobre o ofidismo de Vital Brasil foram disseminadas por documentários.

Os novos equipamentos empregados no campo da saúde, como a fluorografia coletiva de Manuel de Abreu, que foi filmada em 1939, ano em que seu invento ganhou seu nome – abreugrafia – no I Congresso Brasileiro sobre Tuberculose e o microscópio eletrônico são alguns dos exemplos de assuntos abordados nessa categoria.

O público alvo era, sem dúvida, profissionais e alunos de ensino superior da saúde.

Diversos cientistas, que atuaram como professores universitários da área da saúde e que aparecem como consultores do INCE, pertenciam ao quadro de pesquisadores do IOC. Entre eles, podem ser citados: Antônio Cardoso Fontes, Carlos Chagas Filho, Evandro Chagas, Miguel Osório de Almeida, Oscar d'Utra e Silva, Otávio de Magalhães e Maurício Gudin, consultor de sete documentários sobre cirurgia e assepsia cirúrgica.

Entre os 35 filmes em saúde que ainda existem, 16 são sobre ensino e pesquisa. Eles eram, em sua maioria, sem áudio, possibilitando a fala dos mestres e pesquisadores durante

suas exposições, servindo como ilustração de palestras em congressos nacionais e internacionais, além de atuarem como elemento pedagógico nas aulas universitárias.

Os ecos do movimento sanitário, iniciado nos primeiros anos do século por Oswaldo Cruz, somados ao higienismo e ao eugenismo também tiveram reflexos na produção dos filmes de ensino e pesquisa do INCE.

Sob a Era Vargas, o país ingressou em diversos movimentos mundiais e eles se refletiram na construção da pauta de produção do INCE. Entre esses movimentos havia o *Welfare State*, que auxiliaria o Brasil a se firmar como nação; o movimento educacional da *Escola Nova*, que tinha como base os desígnios de John Dewey e que inspirou o *Movimento dos Pioneiros*, no Brasil, sob a liderança de Francisco Campos e Anísio Teixeira, privilegiando a reforma do ensino superior e apostando no cinema como instrumento pedagógico.

Também exerceu forte influência, no Brasil, a mudança da educação médica ocorrida nos Estados Unidos e intitulada a *Reforma Flexner*. Ela preconizava o ensino de disciplinas biológicas e as práticas de laboratório, instaurando a cientificidade da medicina.

A partir da missão brasileira aos Estados Unidos, sob a liderança de Oswaldo Aranha, no início de 1939 e após o final da Segunda Guerra Mundial, houve uma notória influência norte-americana no campo da saúde no Brasil. Passaram a prevalecer os programas de medicina preventiva e social patrocinados por agências norte-americanas. Destaca-se aqui a Fundação Rockefeller, que financiava o ensino e a pesquisa brasileira, e que atuava diretamente nas ações de saúde pública, fornecendo bolsas de estudo para a formação de professores e profissionais da área médica, em universidades norte-americanas.

Com as descobertas científicas, no final do século XIX e início do século XX, sobre as causas e agentes biológicos das doenças, pela microbiologia e pela bacteriologia, a medicina e a saúde pública passaram a adotar medidas de base biológica para o combate de epidemias e endemias. Os avanços na área da saúde tiveram expressão nas medidas terapêuticas e de prevenção de doenças contagiosas, no saneamento, na nutrição adequada, na assepsia nos procedimentos cirúrgicos e na imunização contra doenças epidêmicas.

Novas tecnologias para diagnóstico e tratamento de doenças valorizaram as especializações médicas. O hospital equipado com aparelhagens modernas passou a ser considerado também um espaço acadêmico privilegiado.

A regulamentação do exercício da profissão dos médicos, em 1932, contribuiu para a necessidade de atualização desses profissionais com relação a esse desenvolvimento científico e tecnológico.

Por tudo que foi dito, o ensino e as ações médicas, mais as novas tecnologias, representadas por novos instrumentos de diagnóstico e terapia, muitos deles criados por profissionais brasileiros, foram temas dos filmes de ensino e pesquisa do INCE.

Fechando esse quadro, havia, por parte do governo, a intenção de formar uma cultura nacional e o propósito de construção de uma nação com base na ideia de *state building*, a partir da ciência pura e na ciência aplicada. Isso se refletiu particularmente na área da saúde através das disciplinas, da metodologia de ensino e pesquisa, da participação efetiva do corpo docente das universidades, nos anos 30. Esses avanços científicos eram traduzidos como desenvolvimento econômico e político, e também como elementos que viabilizavam a democracia e as transformações sociais.

Um exemplo marcante da afirmação do Brasil como um país desenvolvido cientificamente, foi a sua participação na Feira Mundial de Nova York, de 1939, que exibiu durante um ano as mais modernas tecnologias e os resultados de pesquisa que contribuíam para a melhoria da qualidade de vida e, ao mesmo tempo, eram amostras de progresso. Nessa Feira, o Brasil teve um estande, construído por Lucio Costa e Oscar Niemeyer, que foi considerado o segundo mais bonito entre todos os estandes das sessenta nações estrangeiras e organizações internacionais e dos 33 estados americanos, só perdendo para o da Suécia. Na inauguração do estande brasileiro, houve a apresentação da cantora Carmem Miranda, que ainda era pouco conhecida nos EUA. Na abertura da Feira, o discurso proferido por Franklin Roosevelt, presidente norte americano, foi transmitido em rede comercial de televisão, inaugurando essa forma de comunicação naquele país.

O INCE apresentou, no estande brasileiro, doze filmes em saúde, dirigidos por Humberto Mauro. Metade deles era sobre avanços científicos ocorridos no Brasil, apresentando resultados de pesquisa em saúde. Um era sobre a sala asséptica criada pelo Dr. Gudin, outro sobre a pesquisa de fisiologia desenvolvida por Miguel Osório de Almeida, e mais três a respeito das pesquisas de Evandro Chagas sobre leishmaniose, tripanossomíase e endemias rurais, todos pesquisadores do IOC. Havia, também, um filme a respeito do IOC como instituição. Era a imagem do Brasil-Nação, mostrando não apenas a importância de sua ciência ao mundo, mas também o avanço nas técnicas de filmagem.

Humberto Mauro gostava mais de filmar em preto e branco porque dava melhor “sensação de relevo quando a cena estava corretamente iluminada”. Tinha preferência por filmes mudos. Usava música incidental, particularmente do tipo erudita e brasileira, como foi o caso da obra de seu amigo Heitor Villa Lobos. Filmou mais em 16mm, embora tenha utilizado película de 35mm. A duração de seus documentários era, majoritariamente, entre 2

a 19 minutos. Trabalhou com diversos fotógrafos, entre eles dois filhos seus, mas preferia ter a função dupla de dirigir e fotografar, como o fez na maioria dos filmes de ensino e pesquisa.

Gostava de usar fotômetro e tripé, embora tenha utilizado câmera na mão em uma das filmagens sobre o Instituto Oswaldo Cruz. Seus enquadramentos eram simétricos e harmônicos, parecendo ser inspirados pelo *art déco* e pela arte marajoara, em voga na cultura brasileira naquela ocasião. Suas imagens seguiam uma geometria, sendo muito usado um plano com imagem em diagonal, quebrando uma possível monotonia.

A microcinematografia foi usada por Humberto Mauro com propriedade e oportunidade. A utilização de meios didático-imagéticos como a animação, gráficos e desenhos, além das filmagens propriamente ditas, deram a esses filmes o verdadeiro significado de cinema educativo. As técnicas operatórias inovadoras foram registradas por Humberto Mauro. Imagens claras, posicionamento da câmera adequado, fotografia de cada etapa do procedimento cirúrgico deixavam a impressão que, depois de assisti-los, o médico-cirurgião estaria apto para empreender o mesmo procedimento com a segurança. Não havia improviso, nem tampouco uma mera ilustração científica. Havia uma preocupação em apresentar o que havia de melhor em matéria de ciência e cinema.

A influência de Roquette-Pinto, homem de visão, pioneiro no uso de diversas tecnologias, estava por trás dessas produções. A própria escolha de Humberto Mauro para dirigi-los é uma prova da busca pela qualidade delas.

A produção de Humberto Mauro guarda lugar de destaque na filmografia brasileira. Sua obra é genuína, única e poética. Seus filmes em saúde, produzidos no INCE, conservam esses valores, além de serem documentos sobre a saúde do Brasil.

Ele ficou célebre por associar o ato de filmar a uma cachoeira e a água esteve presente em sete filmes em saúde do INCE que ainda existem.

Glauber Rocha afirmava que Humberto Mauro era o pai do cinema brasileiro.

Títulos e ano de produção dos filmes em saúde, dirigidos por Humberto Mauro, que ainda existem:

a) Filmes Institucionais

1. *Febre amarela – Preparação da vacina pela Fundação Rockefeller* – 1938
2. *Instituto Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro* – 1938
3. *Abastecimento d'água do Rio de Janeiro – captação* – 1939
4. *Abastecimento d'água do Rio de Janeiro – fabricação de tubos* – 1939
5. *Abastecimento d'água do Rio de Janeiro – represas* – 1939
6. *Hospital Colônia de Curupaity – novas instalações* – 1939
7. *Combate à lepra no Brasil – Serviço Nacional da Lepra* – 1945

8. *Assistência Hospitalar no Estado de São Paulo* – 1946
 9. *Indústria farmacêutica no Brasil* – 1948
 10. *Endemias rurais – seus produtos profiláticos e terapêuticos* – 1960
- b) Filmes de Difusão Científica
1. *Os músculos superficiais do corpo humano* – 1936
 2. *Os músculos superficiais do homem* – 1936 (16mm)
 3. *Lentes oftálmicas – Indústria* – 1953
 4. *O oxigênio – suas aplicabilidades* – 1958
- c) Filmes de Educação Rural
1. *Higiene rural – fossa seca* - 1954
 2. *A captação da água* – 1954
 3. *O preparo e conservação de alimentos* – 1955
 4. *Construções rurais – fabricação de tijolos e telhas* – 1956
 5. *Poços rurais – água subterrânea* – 1959
- d) Filmes de Ensino e Pesquisa
1. *Preparo da vacina contra a raiva* – 1936
 2. *Microscópio composto – nomenclatura* – 1936
 3. *Método operatório do Dr. Gudin* – 1938
 4. *Fisiologia geral – Prof. Miguel Osório – Inst. Manguinhos* – 1938
 5. *Fluorografia coletiva – método do Dr. Manuel Abreu* – 1939
 6. *Estudos das grandes endemias* – 1939
 7. *Leishmaniose visceral americana* – 1939
 8. *O paraquê* – 1939
 9. *Técnica de autópsia em anatomia patológica* – 1940
 10. *Sífilis vascular e nervosa* – 1942
 11. *Coração físico de Ostwald* – 1942
 12. *Miocárdio em cultura – potenciais de ação* – 1942
 13. *Convulsoterapia elétrica* – 1943
 14. *Gastronomia asséptica – técnica operatória* – 1948
 15. *A cirurgia dos seios da face* – 1952
 16. *Sistematização de colpomicroscopia* – 1953

Alice Ferry de Moraes

Dr.^a. em Ciência da Informação

Pós-Dr.^a. em Estudos Culturais

Pesquisadora do Laces/Icict/Fiocruz